

nara roesler

carlito carvalhosa



carlito carvalhosa

n. São Paulo, Brasil, 1957

m. Rio de Janeiro, Brasil, 2021

A obra de Carlito Carvalhosa envolve, predominantemente, pintura e escultura. Nos anos 1980, integrou, com Rodrigo Andrade, Fábio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, o Grupo Casa 7, de São Paulo. As tendências do neoexpressionismo eram visíveis na produção desses artistas, tendo em vista a utilização de superfícies de grandes dimensões e a ênfase no gesto pictórico. No fim dessa década, após a dissolução do grupo e alguns experimentos com encáustica, Carvalhosa concebeu quadros com cera pura ou misturada a pigmentos. Nos anos 1990, dedicou-se à produção de esculturas de aparência orgânica e maleável, utilizando materiais diversos, caso das “ceras perdidas”. Ainda em meados dessa década, fez também as esculturas em porcelana.

Carvalhosa atribuiu profunda eloquência à materialidade do suporte, mas a transcendeu e abordou questões mais amplas, relativas às transformações do espaço e do tempo. Deparamo-nos, em sua prática, com a tensão entre forma e matéria, explicitada na disjunção entre o visível e o tátil. Aquilo que vemos não é o que tocamos, assim como o que se toca não é o que se vê. A partir dos anos 2000, o artista realizou pinturas sobre superfícies espelhadas que, nas palavras do curador Paulo Venâncio Filho, “colocam nossa presença dentro delas”. Não raro, Carvalhosa realizou instalações em que, além das técnicas usuais, utilizava materiais como tecidos e lâmpadas.

[clique para ver o cv completo](#)

seleção de exposições individuais e performances

- *I Want to Be Like You*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2019)
- *Sala de espera*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2013)
- *Sum of Days*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2011)
- *Corredor*, Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil (2008)
- *Sum of Days*, Kukje Gallery, Seul (2013)
- *Rio*, Performance, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos (2014)
- *Possibility Matters*, Sonnabend Gallery, Nova York (2014)

seleção de exposições coletivas

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Beijing, China (2017)
- Bienal Internacional de Curitiba, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2015)
- 18ª Bienal de São Paulo, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1985)
- 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2001)
- 2ª e 11ª Bienal Internacional de Havana, Cuba
- Côte à Côte, CAPC, Bordeaux, França (2001)

selected collections

- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Cisneros Fontanals Art Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA

4	i want to be like you
14	rio
17	sala de espera
21	sum of days
24	regra de dois
28	roteiro para visitação
32	apagador
35	quem vê pensa
37	já estava assim quando eu cheguei
41	favor não tocar
43	duas águas
45	primeiros trabalhos em cera

i want to be like you 2019

exposição individual

Nara Roesler, Nova York, EUA

Em *I Want to Be Like You*, sua individual na Galeria Nara Roesler, Carlito Carvalhosa justapõe suas experimentações iniciais em cera, da década de 1990, com as mais recentes, oferecendo um panorama das abordagens dessa técnica que veio a se tornar fundamental em sua prática. Em suas próprias palavras, “a ideia era pegar obras da década de 1990 e revisitá-las para criar peças que fossem uma cópia de algo que eu já fiz, mas com uma diferença de tempo significativa entre elas [...] é esse desafio que torna a exposição interessante – é um local onde as coisas se chocam e, embora narrem assuntos diferentes, podem comunicar entre si”. Em seus primeiros trabalhos em cera, Carvalhosa investigou as potencialidades da luz em oposição à criação de zonas opacas, através da sobreposição de camadas de cera, argila e óleo. Com o passar do tempo, a coloração e os vincos na superfície dos quadros revelam-se como marcas do tempo. Em sua prática recente, por sua vez, a aplicação de áreas de cor sobre formas salientes e biomórficas em cera traz à tona a tensão entre pintura e escultura.

esta e as próximas páginas:

vistas da exposição

I Want to Be Like You, Nara Roesler,

Nova York, EUA, 2019

fotos © Pierce Harrison

cortesia do artista e Nara Roesler









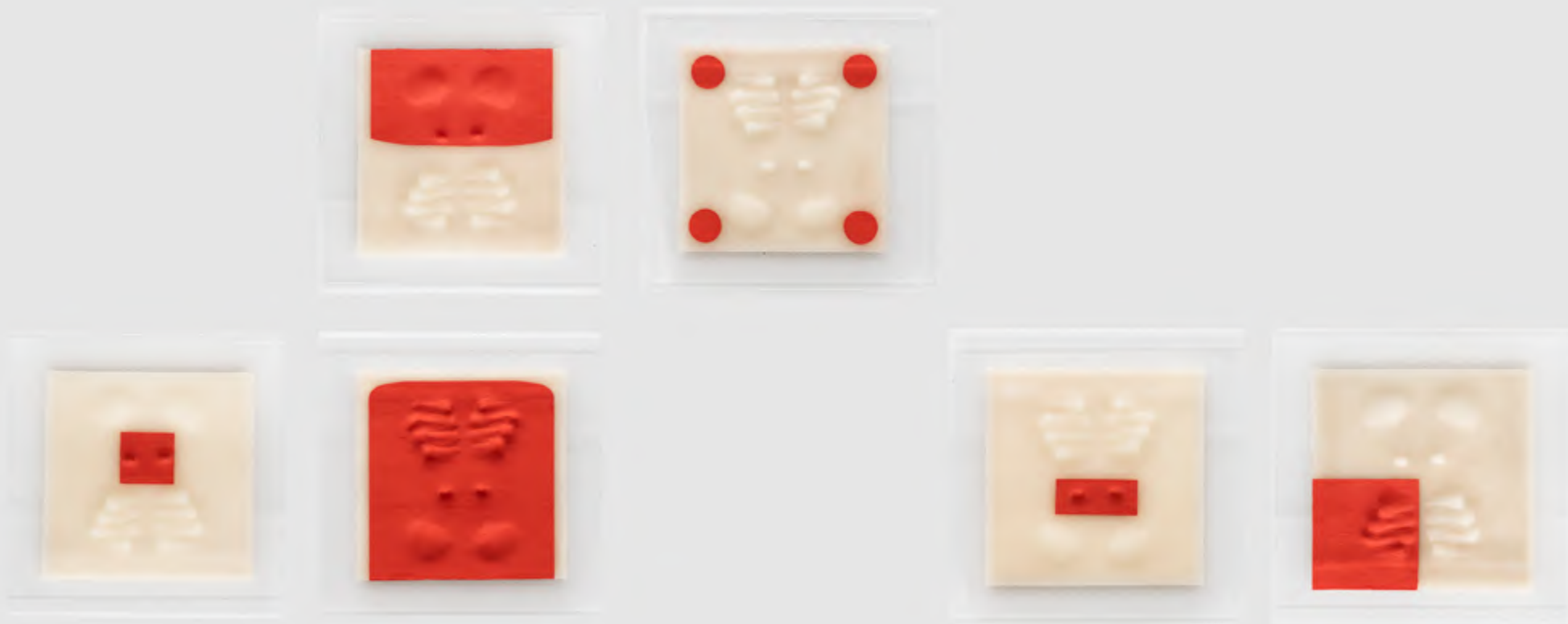
A exposição incluía, ainda, pinturas em espelhos, que aprofundam e desdobram a pesquisa sobre a noção de superfície. Carvalhosa ressalta a ideia da tela como lugar onde projetamos imagens, enquanto o espelho cumpre a função oposta, gerando estranhamento. Espera-se, normalmente, que os espelhos sejam superfícies imaculadas capazes de refletir perfeitamente o seu entorno, mas com as pinceladas de Carvalhosa: “o espelho não existe, ele tem uma espécie de tensão que a pintura apaga. A pintura acaba ficando em lugar nenhum. Flutua”.

Sem título (P32/18), 2018
parafina e cera sobre madeira
30 x 30 x 3 cm

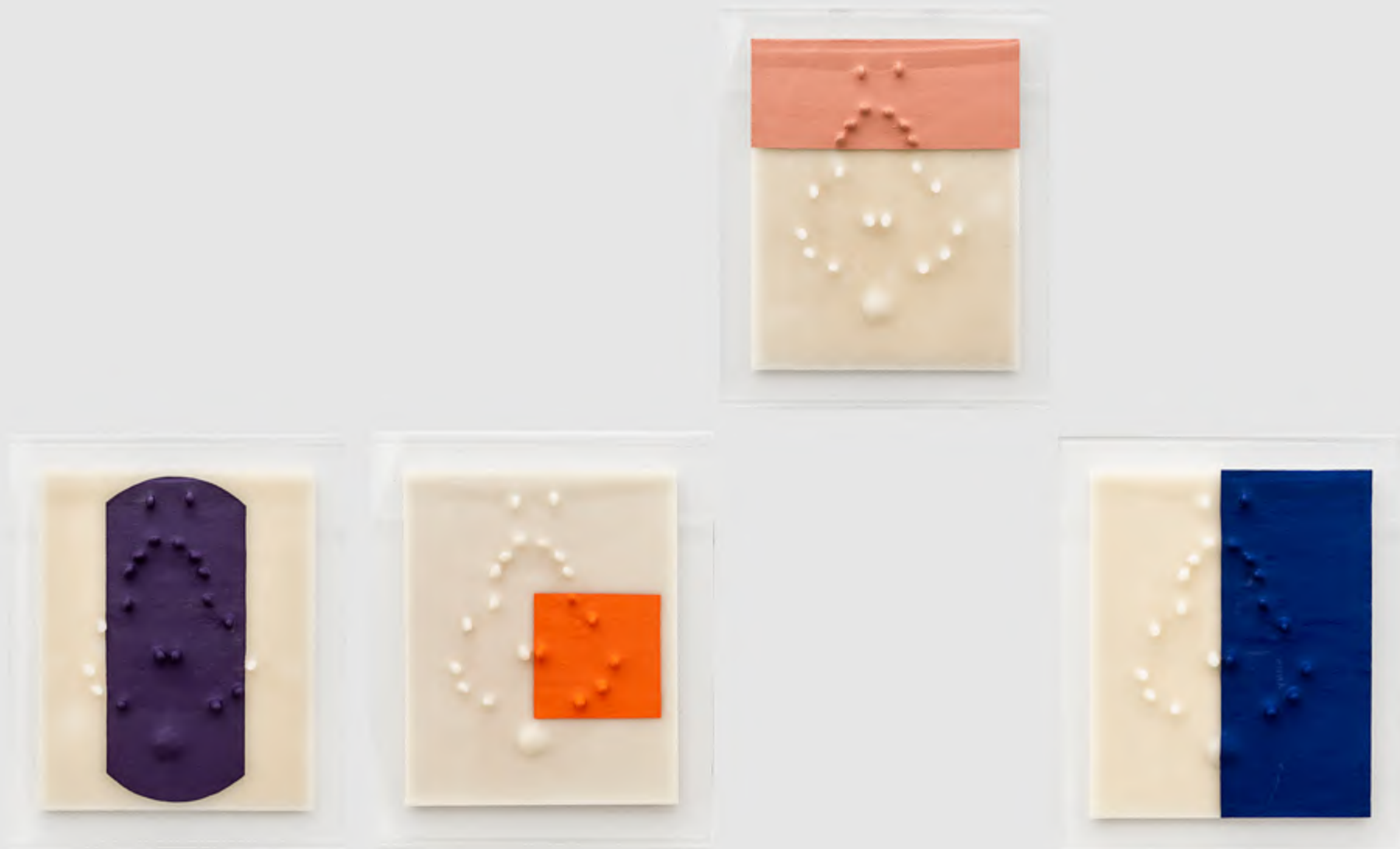




Sem título (P41/19), 2019
tinta óleo e cera sobre madeira
6 peças de 50 x 40 x 6 cm



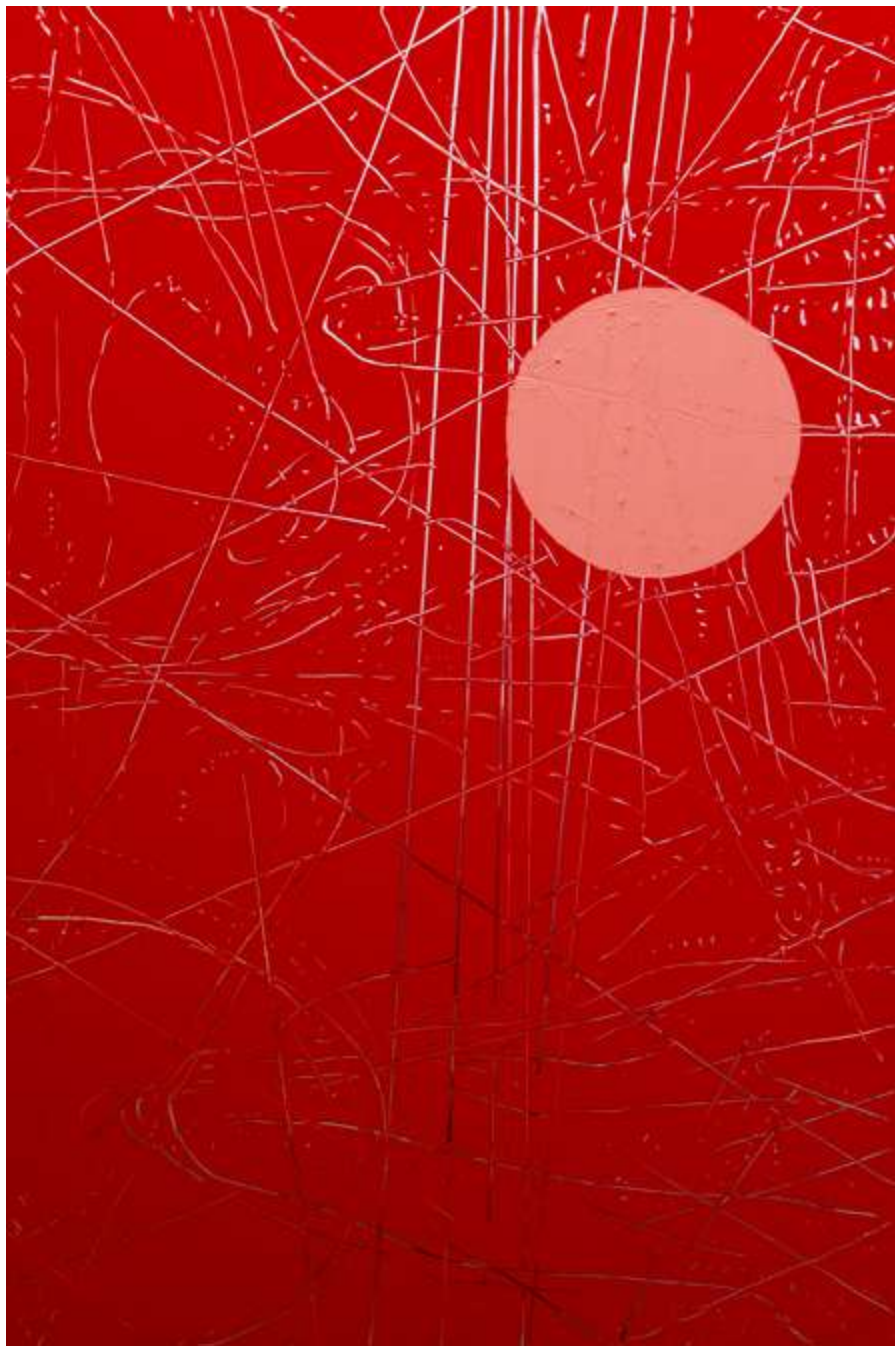
Sem título (P44/19), 2019
tinta óleo e cera sobre madeira
6 peças de 30 x 30 x 6 cm



Sem título (P22/19), 2019
tinta óleo e cera sobre madeira
4 peças de 50 x 40 x 6 cm

Sem título (P27/15), 2015/2019
tinta óleo sobre alumínio espelhado
70 x 59 cm





Sem título (P62/15), 2015/2019
tinta óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm

rio 2014

ação

Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, USA

Rio, de Carlito Carvalhosa, é uma ação apresentada no Abby Aldrich Rockefeller Sculpture Garden, no MoMA, em Nova York. O artista criou uma fita contínua de 360 metros de comprimento, na qual estava impresso, em português e inglês, o texto “Meu doce rio”, escrito por Lygia Clark, em 1975, durante sua temporada em Paris. Carvalhosa iniciava a performance retirando a fita de uma caixa de madeira e lendo-a em voz alta, passando-a, em seguida, para a mão de pessoas próximas, que repetiam a ação, recitando e encaminhando a faixa progressivamente. Surgia, assim, a polifonia das vozes que liam em ambos idiomas e sobrepunham as passagens à medida que as enunciavam. Com o percurso da fita, desenhava-se uma longa linha de palavras que ligava os participantes em uma emissão vocálica uníssona.

[Clique aqui para ver um vídeo sobre a exposição.](#)



esta e as próximas páginas:

vistas da exposição

Rio, Museum of Modern Art (MoMA),

Nova York, USA, 2014

fotos © Mari Stockler

cortesia do artista e Nara Roesler







sala de espera 2013

exposição individual

Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil

A exposição de Carlito Carvalhosa no MAC USP era composta por cerca de oitenta postes suspensos nas colunas do prédio. Essas estruturas, anteriormente utilizadas para a iluminação pública, tinham dimensões que variavam entre nove e doze metros de comprimento. Por um lado, a instalação desencadeou uma série de contrastes formais, entre a natureza branca, imaculada e geométrica do espaço expositivo e a natureza gasta, áspera e bruta da intervenção. Por outro lado, a obra joga com a noção de suspensão, pois nos deparamos com o instante preciso e incerto em que os postes parecem flutuar entre a queda e a elevação.

vista da exposição

Sala de espera, Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil, 2013

cortesia do artista e Nara Roesler

Nas palavras do curador Lorenzo Mammi:
“e o que estamos vendo é apenas um instante extraído de um movimento contínuo, que cedo ou tarde será retomado. Assim, o sentido da obra não é determinado tanto pelo ato voluntário, decidido, que se opõe à passividade dos materiais, quanto pela sensação de que se trata apenas de um gesto temporário, depois do qual a natureza deveria retomar seu curso. E, no entanto, paradoxalmente, esse gesto se eterniza, as coisas ficam bloqueadas numa posição incômoda por um tempo indefinido que talvez corresponda ao tempo de nossa presença, como naquela brincadeira infantil em que os jogadores, quando olhados, devem permanecer imóveis. A espera a que o título alude parece ser delas, não nossa.”
Instaura-se, por fim, a sensação de desconforto, devido a incômoda coexistência do instante e da eternidade e pela incapacidade humana de intervir, ou decidir-se entre ambos.

[Clique aqui para ver um vídeo sobre a exposição.](#)



vista da exposição
Sala de espera, Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil, 2013
cortesia do artista e Nara Roesler



vista da exposição
Sala de espera, Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil, 2013
cortesia do artista e Nara Roesler

→
vista da exposição
Sala de espera, Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de São Paulo (MAC-USP),
São Paulo, Brasil, 2013
cortesia do artista e Nara Roesler



sum of days 2011

exposição individual

Museum of Modern Art (MoMA),

Nova York, EUA

Carlito Carvalhosa foi o primeiro artista brasileiro convidado a ocupar o átrio do MoMA. Para a ocasião, o artista apresentou *Sum of Days*, uma espécie de labirinto mole criado a partir de uma dupla estrutura espiral fixada no teto do prédio da qual caía um imenso tecido TNT branco, resultando em uma nova percepção da arquitetura do museu. No lugar das estruturas rígidas e dos planos abertos que compõem o átrio, encontrava-se um labirinto flutuante e movente, através do qual o público poderia se deslocar e mergulhar em sua opacidade e fluidez. *Sum of Days* evoca, ainda, os tradicionais rituais cristãos da Quaresma, em que toda iconografia, objetos e símbolos religiosos são velados de modo a encorajar os fiéis a se dedicarem à contemplação interior. Para o curador Ivo Mesquita, a instalação, como o processo cristão de velamento, oferece “a oportunidade de estar solitário e frente a frente com a sua realidade, seu corpo e sua alma, humano e sem mediação.”

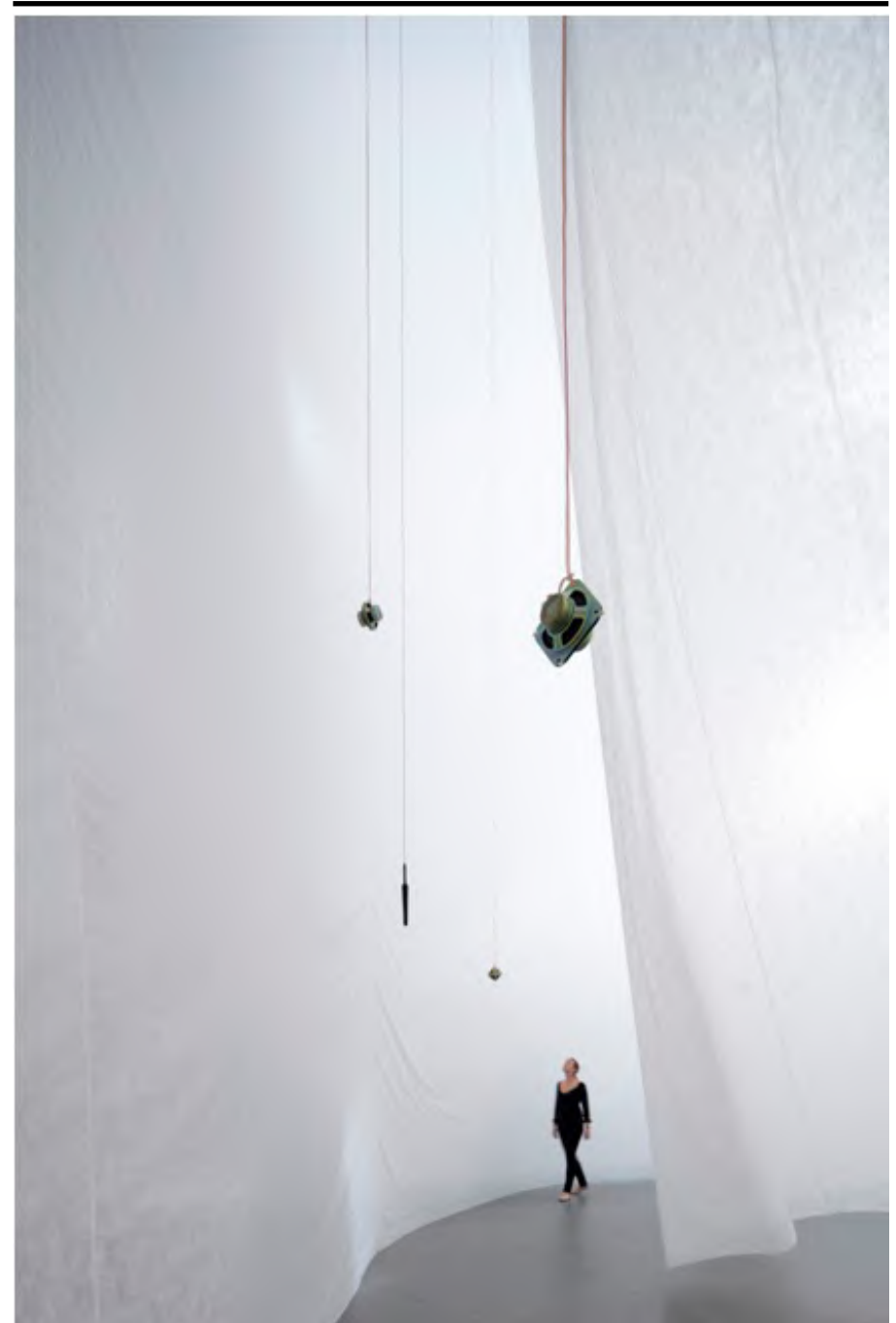
vista da exposição

Sum of Days, Museum of Modern Art (MoMA),

Nova York, EUA, 2011

fotos © Jeffrey Gray Brandsted

cortesia do artista e Nara Roesler





O trabalho completa-se com a trilha sonora composta por Philip Glass e pela gravação, em um dia, e reprodução, no dia seguinte, de sons captados no espaço, sobrepondo-os. “O acúmulo desses registros, a soma dos dias, constitui a memória da experiência e da passagem do trabalho pela instituição. Ele produz um acontecimento e, simultaneamente, registra e guarda a sua própria presença, a sua história”, afirma Mesquita.

Sum of days, foi exibida pela primeira vez no Projeto Octógono, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em São Paulo, Brasil, em 2010.

[Clique aqui para ver um vídeo sobre a exposição.](#)

vista da exposição
Sum of Days, Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, EUA, 2011
fotos © Jeffrey Gray Brandsted
cortesia do artista e Nara Roesler

→
vista da exposição
Sum of Days, Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, EUA, 2011
fotos © Jeffrey Gray Brandsted
cortesia do artista e Nara Roesler



regra de dois 2011

exposição individual

Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil

Carlito Carvalhosa foi convidado a se apropriar e a intervir no acervo da Fundação Eva Klabin, originalmente a casa da colecionadora e, atualmente, um museu que abriga o maior acervo de arte clássica do Brasil. A apresentação revelava a presença do acúmulo obsessivo, íntimo e categórico de objetos, ampliada pela ausência de sua falecida ocupante.



vista da exposição

Regra de dois, Fundação Eva Klabin,
Rio de Janeiro, Brasil, 2011

cortesia do artista e Nara Roesler



Na tentativa de romper a sensação de vazio instaurada, a intervenção do artista baseia-se em três princípios: primeiro, Carvalhosa dispôs copos variados no chão, por vezes usando-os como suporte para móveis; em seguida, instalou lâmpadas fluorescentes enfileiradas que criavam ritmos no chão e nas paredes, além de projetarem iluminação excessiva sobre as superfícies; por fim, suspendeu árvores no teto de alguns ambiente, gesto que faz com que a folhagem emergja como símbolo da obscuridade da coleção e da necessidade de se atravessar suas camadas.

O curador Marcio Doctors sintetizou a proposta nas seguintes palavras: “A ação do artista, como a de um prestidigitador, introduziu a luz – elemento que mais falta na casa –, trazendo de volta a fluidez das matérias impalpáveis, que é a força capaz de pôr em questão a permanência da forma. [...] Carlito Carvalhosa nos oferece sua regra própria: a “regra de dois”, criando uma passagem entre as potências da arte e da natureza no que elas têm de comum ao lidarem com a forma como um interstício, como algo que acontece no entre, revelando-nos as fendas do mundo.”

vista da exposição
Regra de dois, Fundação Eva Klabin,
Rio de Janeiro, Brasil, 2011
cortesia do artista e Nara Roesler

→
vistas da exposição
Regra de dois, Fundação Eva Klabin,
Rio de Janeiro, Brasil, 2011
cortesia do artista e Nara Roesler





roteiro para visita  o 2010

exposi  o individual

Palácio da Aclama  o, Salvador, Brasil

O Palácio da Aclama  o, construído em 1912 para ser residência dos governadores, localiza-se no centro de Salvador, Bahia. O edifício, de arquitetura eclética, foi construído com base em modelos europeus, tornando-se um símbolo da herança imperialista. Segundo Carlito Carvalhosa, “o interior (repleto de afrescos com cenas da Toscana e do o sul da França, motivos florais e assim por diante) mant  m uma tranquilidade imperturbável, desde que não se abra as janelas. Ao fazer isso, traz-se a poderosa luz tropical, os cheiros e a umidade que nos dizem que tudo está bem, ao menos lá fora. *Roteiro para visita  o*, traz o exterior para dentro do prédio; uma invasão do que poderia ter existido no passado ou que pode vir a existir no futuro. ”



esta e as próximas páginas

vistas da exposi  o

Roteiro para visita  o, Palácio da Aclama  o,
Salvador, Brasil, 2010

cortesia do artista e Nara Roesler









apagador 2008

exposição individual

Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA),
Salvador, Brasil

Para essa exposição, Carlito Carvalhosa cobriu as paredes internas do museu com amplos tecidos TNT pendurados no teto, que se movem com a brisa e incorporam a luz e a sombra vindas do exterior. Os panos capturam formas ou acontecimentos que tenham lugar atrás deles, funcionando como murais efêmeros. Ao contrário das exposições tradicionais, o artista não dispôs no interior do edifício objetos pelos quais o público transita, mas sim revestiu o ambiente com volumes fluidos enfatizando a sensação de vazio, ou, como disse Arto Lindsay, apagando o volume interno do espaço.

[Clique aqui para ver um vídeo
sobre a exposição.](#)

esta e as próximas páginas
vistas da exposição
Apagador, Museu de Arte Moderna da Bahia
(MAM-BA), Salvador, Brasil, 2008
cortesia do artista e Nara Roesler





quem vê pensa 2008

exposição individual

Projeto Parede, Museu de Arte Moderna de
São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

O *Projeto Parede* é um programa de intervenções temporárias no corredor que liga as duas salas de exposição do MAM-SP. A cada edição, um artista ou coletivo é convidado a pensar um projeto específico para esse espaço de passagem. Carlito Carvalhosa cobriu as paredes desse estreito ambiente com espelhos. Sobre a superfície reflexiva, pintou retângulos de cor roxa e escreveu a frase que dá título ao trabalho, “quem vê pensa”. Segundo o artista, o espelho é um elemento decorativo usual para um espaço como aquele, tais como os que se encontram em elevadores e entradas de edifício, levando-o a “fazer um lugar ao mesmo tempo comum e vulgar, excessivo e límpido”.



Quem vê pensa, 2008
espelhos, pintura, luzes
fluorescentes, película espelhada
346 x 1871 x 176 cm



já estava assim quando eu cheguei 2006

exposição individual

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
(MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Já estava assim quando eu cheguei apresenta um grande Pão de Açúcar decapitado, invertido e suspenso no teto do museu. A escultura sintetiza as inúmeras preocupações de Carvalhosa com questões relativas à terra e à paisagem como símbolos de um passado, de uma história sobre a qual se caminha. Em sua visão sobre o trabalho, o crítico e curador Paulo Herkenhoff revela várias camadas de sentido, a começar pela da migração, noção que expressa a chegada do artista ao Rio de Janeiro, vindo de sua cidade natal, São Paulo; mas também se refere ao processo de colonização, com a chegada de europeus que se apossam e renomeiam a montanha; ou, talvez, indo mais longe, até um momento primevo, quando a rocha ainda não tinha nome, apenas forma.



esta e as próximas páginas

Já estava assim quando eu cheguei, 2006

madeira, resina e mármore

600 x 400 x 340 cm

vistas da exposição

Já estava assim quando eu cheguei,

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio),

Rio de Janeiro, Brasil, 2006

cortesia do artista e Nara Roesler





De fato, todas essas ideias concorrem e se entrelaçam na recepção da escultura, tornando-se elementos constituintes de seu núcleo conceitual, que, em última análise, Herkenhoff descreve como uma abordagem do “momento constitutivo do sujeito sensiente. Essa distância entre o eu e o mundo (o que “já estava ali”) é a consciência. [...] Entre a opacidade da memória e o não-saber, Carvalhosa nesse ponto evidencia seu quiasma: o que vem da coisa (o que ali estava) e que vem dele em seu trabalho de artista.”

O trabalho foi exibido pela primeira vez na Paralela em São Paulo, Brasil, em 2006. Recentemente, foi exibido no SESC Guarulhos em São Paulo, Brasil, em 2019.

[Clique aqui para ver o vídeo sobre a exposição.](#)

Já estava assim quando eu cheguei, 2015
madeira, resina e mármore
edição de 6
102 x 110 x 136 cm



favor não tocar 2005

exposição individual

Centro Universitário Maria Antonia,
São Paulo, Brasil

Favor não tocar marca o início do envolvimento de Carrito Carvalhosa com as estruturas físicas do espaço arquitetônico, um aspecto que se tornaria recorrente em muitas de suas instalações. Ao contrário das esculturas precedentes, que assentavam sobre blocos, esta é a primeira de muitas que utilizam o próprio edifício como suporte. Nesta ocasião, Carvalhosa cravou a peça nas colunas centrais da sala principal do Centro Universitário Maria Antonia, suspendendo-a a meia altura. De acordo com o curador Lorenzo Mammi, “a sala, num prédio antigo e muito remanejado, se caracteriza por pilares dispostos desordenadamente, em número excessivo em relação à área. Por outro lado, uma peça dessas dimensões seria muito pesada para a estrutura do prédio, se apoiada diretamente no chão.



vista da exposição

Favor não tocar,
Centro Universitário Maria Antonia,
São Paulo, Brasil, 2005
cortesia do artista e Nara Roesler



Colocado assim, como se tivesse entalado na queda, o bloco parecia exercer (como de fato exercia) uma pressão constante para baixo, ainda mais por sua aparência mole, quase gelatinosa [...] os pilares ou colunas estabelecem uma verticalidade abstrata, porque não direcionada. Eles abrem o compasso em que a história corre, mas não são história, no máximo sua moldura. História é tudo aquilo que anda, tropeça, cai ou se ergue entre eles. No entanto, espaço ideal e movimento real, ao entrarem em contato, se contaminam reciprocamente. As colunas são envolvidas no movimento do gesso e das madeiras, mas este é um movimento paralisado, suspenso à atemporalidade das colunas.”

vista da exposição
Favor não tocar,
Centro Universitário Maria Antonia,
São Paulo, Brasil, 2005
cortesia do artista e Nara Roesler

duas águas 1999

exposição individual

Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia
(MuBE), São Paulo, Brasil

O trabalho apresentado nessa ocasião encarna um aspecto fundamental da prática de Carlito Carvalhosa no final dos anos 1990: um uso predominante do gesso e o jogo entre leveza e peso, fluidez e solidez. Como explica o curador Lorenzo Mammi, “Os gessos, em particular, predominantes no final daquela década, mostram sua origem líquida na mansidão de sua superfície, sensível à mínima dobra do molde. Mas em seguida são segmentados por cortes retos, e os segmentos são superpostos fora de esquadro, de maneira que uma parte da base dos blocos fique em balanço. A elegância que poderia caracterizar cada bloco de gesso, quase um drapejamento clássico, é negada por esse jogo de cortes e superposições enviesadas. Leveza das superfícies e peso dos volumes, sólido e líquido convivem no mesmo corpo.”

No mesmo ano, em 1999, *Duas águas* também foi exposta no Paço Imperial, no Rio de Janeiro, Brasil

esta e as próximas páginas
vistas da exposição

Duas águas, Museu Brasileiro da Escultura
e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil, 1999
cortesia do artista e Nara Roesler





primeiros trabalhos em cera

final dos anos 1980 / início dos anos 1990

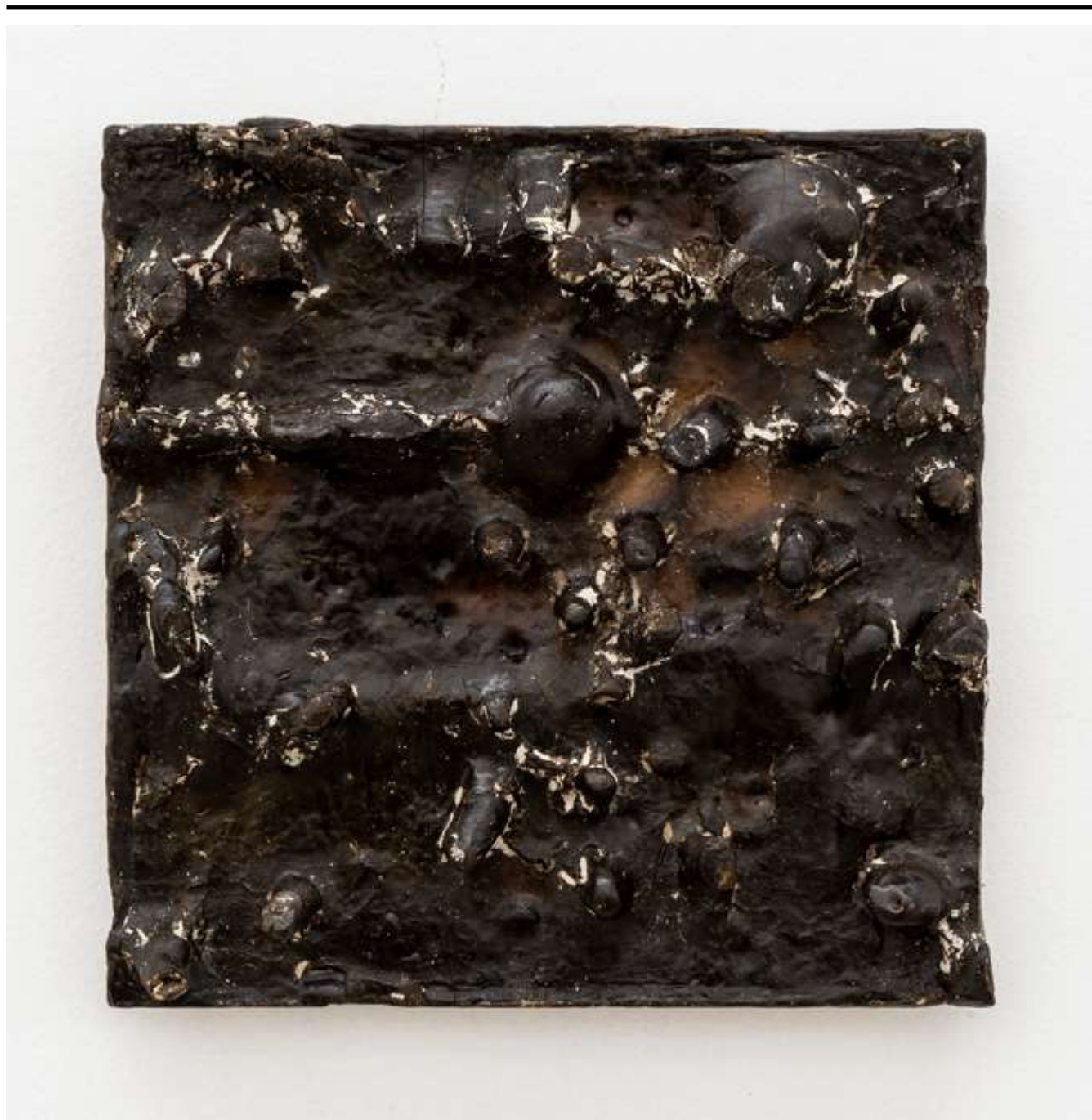
Após a dissolução do Grupo Casa 7, onde Carvalhosa experimentou o gesto pictórico, o artista passou a realizar experimentos com encáustica e cera. Nessa época, ele produziu uma série de trabalhos caracterizado por formas biomórficas protuberantes que faziam uso da qualidade maleável da matéria como meio de explorar a opacidade e a luminosidade, ou para criar superfícies que resultam da prolongada ação do tempo. Ao aplicar sobre a tela camadas de cera com diferentes espessuras, algumas perfeitamente alisadas e outras desiguais, a superfície criada se comporta de modos diferentes pela ação da luz, manifestando variados graus de transparência e opacidade.

A textura e fisicalidade da superfície transformam-se ao longo do tempo, devido às alterações em sua cor devido à sua exposição à luz. Nas palavras do curador Rodrigo Naves, “A plasticidade da cera garantia ao mesmo tempo a evidenciação do processo construtivo – a lembrança dos cilindros que a moldaram – e de sua impossibilidade enquanto processo totalizante.” A partir de 2015, a cera voltou a ocupar um papel significativo na prática da Carvalhosa, que retomou a investigação sobre a maleabilidade da matéria, passando a incluir o uso da cor.



Sem título (P23/91), 1991
parafina e cera sobre madeira
30 x 30 x 3 cm





Sem título (P34/92), 1992
parafina e cera sobre madeira
30 x 30 x 3 cm



Sem título (P35/92), 1992
parafina e cera sobre madeira
30 x 30 x 3 cm

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art